

O VERBAL E O NÃO-VERBAL NO DISCURSO SOBRE A TELEVISÃO: O CASO DA REVISTA *O CRUZEIRO*

Silmara Cristina DELA-SILVA (Unicamp – Doutoranda)
silmara.dela@uol.com.br

Este trabalho tem como proposta a análise da relação entre verbal e não-verbal no discurso sobre a televisão, a partir de reportagens publicadas pela imprensa brasileira no ano de início das transmissões televisivas no país, em 1950, quando da inauguração da primeira emissora de TV na capital paulista. A análise é parte de uma pesquisa mais ampla, em andamento, que tem como objetivo compreender o discurso da imprensa sobre a televisão no Brasil, por meio da análise de publicações jornalísticas e publicitárias em circulação no país entre os anos de 1945 e 1954. O *corpus* de análise deste trabalho tem como base recortes de textos jornalísticos e fotografias presentes em duas reportagens publicadas pela revista *O Cruzeiro*, em 22 de julho de 1950, e em 12 de outubro de 1950, intituladas “A televisão na América do Sul” e “A televisão para milhões”, e que tratam, respectivamente, da instalação dos equipamentos para inauguração de emissoras de TV no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por meio dos conceitos teóricos de silêncio (ORLANDI, 2002), paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1998), a análise busca compreender como são produzidos os sentidos que promovem a inscrição da TV na cidade e o seu pertencimento ao país, na relação entre as materialidades verbal e não-verbal. Isto porque as reportagens analisadas possuem como característica a ampla utilização de fotografias, combinadas a textos extensos, elementos que jornalisticamente constituem as chamadas “grande reportagens” (KOTSCHO, 1996). A relação da TV com o espaço urbano é estabelecida discursivamente nesta combinação entre linguagens verbal e não-verbal, cujo funcionamento sustenta-se na tensão entre paráfrase e polissemia, e no silenciamento de certos sentidos, o que abre espaço para que outros sentidos apareçam sob o efeito da evidência. As imagens adotadas como ponto de partida para as análises são as que ocupam espaço na primeira página das reportagens – um total de quatro fotografias em uma delas, e de cinco, na outra –, sendo uma imagem principal, que ocupa a parte lateral esquerda da página, uma fotografia com dimensões menores, posicionada entre o título e a linha fina da matéria, e outras três (ou duas) imagens dispostas ao pé da página, contendo seqüências de ações relacionadas às instalações de equipamentos para a montagem das emissoras de TV. As fotografias maiores, nas duas reportagens, colocam em primeiro plano as imagens das antenas de televisão instaladas em pontos das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Na primeira reportagem, destaca-se a imagem vertical da parte superior da torre, instalada no Pão de Açúcar, com o céu ao fundo, e a antena em seu percurso de subida ao topo. Na segunda reportagem, a torre é substituída pela

imagem do prédio do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), em primeiro plano, na vertical, focalizado a partir de uma vista aérea, de forma a destacar o edifício no cenário urbano, composto por prédios menores, imóveis e ruas do centro de São Paulo. Nas reportagens analisadas, a presença do não-verbal na constituição de sentidos para o acontecimento discurso “televisão no Brasil” coloca em cena o espaço em que se significa a TV no *corpus*. Trata-se do Brasil, como afirma o verbal, mas do Brasil enquanto representado pelas cidades de São Paulo, inicialmente, e do Rio de Janeiro. Falar sobre a “televisão no Brasil”, desta forma, é falar de uma parte do país com TV e que, apesar disso, é considerada simbólica e imaginariamente como a totalidade do Brasil e dos brasileiros. Este sentido de pertencimento ao Brasil é atribuído à televisão por meio de sua presença na cidade, atestada pela instalação da antena de transmissão em pontos altos das duas capitais, em destaque no não-verbal das reportagens. A antena de televisão passa a ser significada, assim, como um objeto simbólico da modernidade e do desenvolvimento brasileiros, atestados pela presença da TV, uma nova tecnologia, uma realidade “ao alcance de qualquer um” que se encontra na cidade. A tensão entre paráfrase e polissemia, no entanto, aponta o contraste entre o sentido que se produz para cidade, como a totalidade de seus habitantes, e os moradores que de fato têm acesso às transmissões televisivas. No verbal, são recorrentes os dizeres que afirmam que centenas de pessoas acompanharam as transmissões (aquelas que passaram pelo local em que se encontravam os aparelhos receptores), o que reitera a presença da TV na cidade, apontada pelo não-verbal; mas também são presentes dizeres que associam a TV a uma parte da população, privilegiada economicamente, o que ecoa nas propagandas para aquisição de aparelhos receptores e venda de anúncios na nova mídia.

Bibliografia:

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 8. ed. São Paulo: Schwarcz, 1990.

KOTSCHO, R. *Prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 1986.

ORLANDI, E.P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5 ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.

_____. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *Revista RUA*, Campinas, 4: 9-19, 1998.

PAYER, O. O rural no espaço público urbano. In: ORLANDI, E.P. (org.) *Cidade atravessada*. Os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Retrospecção e estereotipia. Imagens urbanas sobre o campo. *Revista RUA*, Campinas, 2: 83-101, 1996.

SÃO PAULO (CIDADE) - *São Paulo: Crise e Mudança*. 2 ed. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo /Editora Brasiliense, s/d.